



Masculinidades contemporâneas em disputa

Djalma Thürler¹
Benedito Medrado²

Estamos passando por um dos períodos mais críticos da história mundial neste século: a pandemia da covid-19, que tem reorientado modos de produção e redefinido modos de interação e, conseqüentemente, modos de ser em sociedade.

Em nosso país, as medidas sanitárias de prevenção, baseadas no confinamento, têm evidenciado e acentuado diferenças e desigualdades, especialmente no campo das relações de gênero. Não à toa, o tema da violência doméstica e familiar tem atraído a atenção de pesquisadores/as e de ativistas feministas. Na mesma direção, tem também alimentado reflexões sobre regimes de verdade que conformam as relações de gênero de tal modo que ao homem e ao masculino são destinados os espaços da gestão da vida pública, e às mulheres e ao feminino, a ordem pública. Nesse sentido, pensar masculinidades contemporâneas em disputa, hoje, é um exercício em construção e em transformação.

Assim, é importante enfatizar, de antemão, que a chamada para este dossiê foi produzida antes deste cenário (que se acentuou em nosso país há cerca de dois meses). Foi um convite para reflexões críticas, baseadas em exercícios de pesquisa, acerca das narrativas contemporâneas e outras produções discursivas sobre modos de subjetivação masculina e repertórios sobre masculinidade, na interface entre estudos feministas, de gêneros e sobre sexualidades. Buscamos,

¹ Especialista em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Girona (Espanha). Investigador pleno do Centro de Pesquisa Multidisciplinar em Cultura (Cult) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Investigador associado do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (Clac). Investigador colaborador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Rosa (ILCML), da Universidade do Porto (Portugal). Professor permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade e professor associado do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) da UFBA. Vice-coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Cultura e Sexualidade (NuCuS/UFBA). E-mail: djalmathurler@ufba.br

² Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, 2020-2023). Professor de graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenador do Núcleo Feminista de Pesquisas em Gênero e Masculinidades (Gema/UFPE). Parte da coordenação da Rede Latinoamericana de Investigación sobre Masculinidades (gestão 2016 – atual). Parte da co-coordenação nacional (Brasil) da Aliança Internacional MenEngage de Trabalhos com Homens na Promoção da Equidade de Gênero (gestão 2014 – atual). E-mail: beneditomedrado@gmail.com

dessa forma, reunir leituras sobre performances masculinas e masculinidades na vida política, social e cultural no Brasil e na América Latina, em especial, a partir de abordagens de campos disciplinares diversos e interdisciplinares.

Da masculinidade hegemônica pensada por Connell no final do anos 1980 às leituras mais recentes sobre masculinidade tóxica, transmasculinidades e masculinidades negras, interessou-nos pensar sobre o aparecimento de outras (não necessariamente novas) masculinidades, que desafiam e questionam o binarismo de gênero, apostando em masculinidades híbridas, quebrando ordem rígidas (e produtoras de mal-estar) e suas construções em campos e relações de poder: nas relações desiguais de gênero entre homens e mulheres e entre homens, sejam cisgêneros ou transgêneros.

Atenderam ao nosso convite mais de 30 pesquisadores e pesquisadoras, que em voo solo ou em pesquisa compartilhada colaboraram para seguirmos provocando uma antiga pergunta formalizada por Olivia Tena Guerrero em 2010: “Estudiar la Masculinidad ¿Para qué?”. Como bem nos adverte a autora, trata-se de uma pergunta ampla com múltiplas leituras e possibilidades:

El término masculinidad ha sido múltiplemente definido, complejizado y debatido en sus significados, así que, partiendo de dicha imprecisión, es posible interpretar la pregunta con la que titulé este texto –Estudiar la masculinidad: ¿para qué?– en dos sentidos: Como una insinuación para prescindir de este campo de estudio o bien, como una invitación a adentrarnos en sus objetivos, sustentos epistemológicos y enclaves metodológicos, revisando su posible cercanía con una ética y política feministas. El título de este trabajo es más bien una provocación para el análisis, más allá de la forma como se le refiera, ya en términos utilitarios (vg. ¿Para qué sirven estos estudios?) o epistemológicos y metodológicos (vg. El qué, para qué y cómo de la investigación feminista sobre varones). (GUERRERO, 2010, p. 271)

De fato, é imprescindível enfatizar a importância e a necessidade de estudos sobre homens e masculinidades: as muitas maneiras pelas quais a masculinidade é definida socialmente e as diferenças de poder que existem entre diferentes experiências masculinas e versões da masculinidade, especialmente nos dias em que vivemos.

Este é um dossiê, portanto, criado com vistas a aprofundar bases epistemológicas e metodológicas, em uma possível aproximação com a ética e a política feministas, mas também com as leituras decoloniais e as teorias *queer*. Estas, como epistemologias de desaprendizagem



(THÜRLER, 2018), insistem em nos apontar que os horizontes dessas masculinidades em disputa são pensados como uma categoria operacional. Nesse sentido, a máxima é aplicada ao homem que, também no seu caso, “não nasceu, mas é criado”, e exatamente por isso deve passar por um processo de (des)construção e reconstrução, aproximando-se da ideia de que o gênero está mesmo circunscrito ao social e ao cultural, visto como o discurso da diferença sexual (SCOTT, 1998) – e, como discurso, faz-se referências

[...] não apenas às idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta. Portanto, o gênero é a organização social da diferença sexual. (SCOTT, 1998, p. 2)

Com essa proposição, Scott nos ajuda a moldar uma compreensão da categoria gênero como um construto científico-cultural usado para explicar como as sociedades ocidentais – suas normas, instituições e práticas – foram performadas a partir de atribuições rígidas, a mulheres e homens, de características binárias antitéticas quase imutáveis (ou pelo menos assim percebidas), expectativas e definições do que significa ser homem e mulher dentro de uma ordem cisgênera, em um contexto específico cujo desenvolvimento seria necessário para a boa organização e governo da sociedade.

Assim, dentro desse “regime de verdade”, seria comum definir a suposta natureza feminina como essencialmente empática, atenciosa, sensível, terna, que mostra emoções e sentimentos e dedica seus esforços às tarefas do campo privado-doméstico, o “anjo tutelar a casa”. Por sua vez, a “natureza masculina” correspondia à força física, ao domínio, ao trabalho na esfera pública, à busca do sustento da família fora de casa, sem estar muito inclinado a mostrar emoções ou sentimentos.

Essas “naturezas” tão produzidas como distintas – e mesmo opostas, recriadas de maneiras diferentes, dependendo da geração e da posição social – foram fundamentais para a manutenção e a reprodução da histórica dinâmica de desigualdade de poder entre homens e mulheres e de violências como o machismo, esse conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que manifestam a superioridade dos homens sobre as mulheres em áreas consideradas importantes na sociedade.



Não é por acaso que, atualmente, visualizamos uma densidade masculina (cisgênera, branca, patriarcal e supostamente heterossexual) nos postos de poder, decisão e comando do país. Por outro lado, na linha de frente de cuidados com a saúde, em tempos de pandemia, é expressiva a sobrepresença feminina. E isso não é uma novidade.

O combate a essa relação binária – que envolve homens e mulheres na conquista da igualdade e na redução da disparidade de gênero na sociedade e é amplamente aceita e tem implicações, por exemplo, na maneira como homens e crianças aprendem sobre a violência – passou por uma grande revisão nos últimos anos. Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008), em “Por uma matriz feminista para os estudos sobre homens e masculinidades”, afirmam que as produções sobre as masculinidades, como objeto de estudo propriamente dito, têm início no final da década de 1980, influenciadas pelas produções teóricas e políticas alicerçadas no feminismo e no movimento de luta pelos direitos sexuais e pela equidade de gênero.

Esses estudos sobre a construção da masculinidade na contemporaneidade referem-se às múltiplas maneiras pelas quais ela é definida – as diferentes categorias do exercício e dos sentidos das masculinidades –, que estão diretamente associadas a contextos históricos e culturais particulares e à poderosa diferença entre versões específicas das masculinidades que servem para pensar em como homens e masculinidades podem estar ligados às “políticas de desaprendizagem”. Essas políticas aquelas que dessacralizam valores e normas sociais que regulam a vida diária e as práticas individuais, desestabilizando normas sociais, culturais e institucionais que perpetuam as desigualdades e a violência. Nessa direção, como afirmam Medrado e Lyra (2008, p. 833):

é preciso romper com modelos explicativos que, via de regra, reafirmam a diferença e que nos permitem somente explicar como ou por que as coisas assim são, mas que não apontam contradições, fissuras, rupturas, brechas, frestas... que nos permitam visualizar caminhos de transformação progressiva e efetiva.

Tendo essa abordagem em perspectiva, apresentamos, a seguir, uma breve síntese dos textos selecionados para compor esta coletânea.

Iniciamos com o texto de Flavia Gaze Bonfim, em “Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise”, a partir do qual podemos pensar sobre como a queda do ideal viril articula-se com a face explícita e sem constrangimento do ódio dirigido às mulheres, especialmente no atual contexto sócio-político brasileiro.



Na sequência, outras duas mulheres assinam o segundo texto. Em “Podem duas mulheres falar sobre masculinidades?”, Isabela Venturoza e Fernanda Kalianny M. Sousa descrevem, a partir de um ponto de vista feminista crítico, negro e interseccional, a experiência que tiveram quando se propuseram a ministrar um curso de férias intitulado “Introdução aos estudos de masculinidades” na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp) em janeiro de 2020. Pelas impressões dos alunos, que iniciam o texto, é possível identificar uma série de comportamentos machistas que os homens praticam de maneira oculta e invisível, os “micromachismos”, que não se referem a formas extremas e notórias de violência, mas a comportamentos sutis ou gentis que são formas de violência e abuso cotidiano.

Jaime Alonso C. Morera e Maria Itayra Padilha, com “Masculinidades trans: sobre alegorias, performatividades y subversiones a las cisheteronormas”, refletem sobre masculinidades contemporâneas latino-americanas problematizando, a partir de Judith Butler, a suposta performatividade de gênero, essa obviedade que dita a linearidade entre homens e expressões de gênero primitivas (“el hombre tiene que ser y actuar como hombre”), desvelando a conceptualização plural das masculinidades trans. Acreditam as autoras que, se “la performance ‘presume un sujeto’ y la performatividad ‘impugna la noción misma de sujeto’”, isso significa que não se pode “hablar de trans-masculinidades como si fuera una esencia constante y universal, más como un conjunto de significados y comportamientos fluidos y en constante cambio”.

No texto seguinte, “Masculinidades cisgêneras e os controles de acesso da comunicação heteroterrorista”, Vicente Tchalian apresenta uma leitura sobre o que ele define como “*modus operandi* cisgênero”, que conforma a divulgação de notícias falsas (as famosas *fake news*) nas eleições presidenciais de 2018, no Brasil, focalizando especialmente conteúdos que remetem a gênero e sexualidade, com vistas a evidenciar estratégias comunicacionais de manipulação heteroterrorista. Em sua análise, há um destaque especial para as articulações entre cisgeneridade, branquitude, masculinidade e os espaços de trânsito comunicacionais no jogo político e social da vida pública.

Em “Masculinidades negras em disputa: autenticidade racial e política de respeitabilidade na representação da homossexualidade negra masculina”, Matheus Vieira Gomes Bibiano toma a homossexualidade negra como objeto e nos provoca a pensar sobre a dicotomia (refutável, advoga ele) entre negritude e homossexualidade produzida desde uma concepção de



autenticidade sobre o signo negro, a partir da “racialização da homossexualidade” masculina como branca e uma pretensa condição ontológica da negritude como heterossexual.

Caio Jade P. Cardoso G. Costa, em seu artigo “Retratos masculinos: sobre Loren Cameron, Yukio Mishima e *Johnny vai à guerra*”, apresenta, a partir de uma abordagem metodológica definida por ele como “transmasculina”, um estudo comparativo sobre expressões identitárias e signos de masculinidade em três obras literárias e imagéticas: a série fotográfica *God’s Will*, de Loren Cameron; o livro *Sol e aço*, de Yukio Mishima; e o filme *Johnny vai à guerra*, de Dalton Trumbo.

Victor Hugo da Pieve R. Valadares e Carlos Magno C. Mendonça, por sua vez, apresentam em seu artigo (“Yuki’s Tale”) um criativo ensaio-narração, em formato de *podcast*, no qual exploram “duas categorias possíveis para questionar a masculinidade hegemônica em um jogo adulto masculino gay”. Em sua leitura, apresentam também *feedbacks* de jogadores, os quais endossam a necessidade de pessoas que desenvolvem jogos virtuais investirem em mudanças sociais por meio de discursos representados em seus jogos.

Redson Pagnan, em seu artigo “Espaço, gênero e identidade: a onipresença da masculinidade e a revolução das bixas transviadas”, aborda as relações entre masculinidades e espaço urbano, a partir de práticas discursivas da artista Linn da Quebrada, com vistas a dialogar sobre outras possibilidades de performar masculinidades para além daquilo que ele define como forma concreta e rígida, inscrita na sociedade pelo poder patriarcal. Para tanto, o autor articula fundamentos da Análise do Discurso de linha francesa, da teoria da arquitetura/urbanismo e pressupostos das teorias *queer*.

“Cantos de liberdade: *Bluesman* e as possibilidades de sentimentos de homens negros”, de Matheus Eduardo Borsa e Melina K. Perussatto, é mais uma contribuição sobre as masculinidades negras. As autoras partem do álbum *Bluesman*, lançado em novembro de 2018, do cantor Baco Exu do Blues (codinome do rapper baiano Diogo Moncorvo), para refletir sobre o desafio constante de pensadores e intelectuais negros em romper com uma perspectiva hegemônica da História contada por um único lado, algo parecido com que Chimamanda Ngozi Adichie teria pautado em “O perigo de uma única história” (2019). Em consonância com o pensamento interseccional, buscam reflexionar as formas plurais de masculinidades negras para além de estigmas e ideias essencialistas, como a do negro viril, violento e sexualizado, analisando questões outras – sentimentais, raciais e socioculturais – presentes nas produções do artista.



Leandro Souza Borges Silva, em “Androginia e pulverização dos binarismos: homoerotismo e resistência na escrita (auto)biográfica de Aguinaldo Silva”, na encruzilhada entre a história da ditadura militar de 1960 a 1980 e a literatura brasileira, presta-se a revelar corpos não permitidos, os *corpos que não importam* enquanto instância de resistência, a partir do texto “Primeira carta aos andróginos”, de 1975, expandindo as políticas de subjetivação humanas (THÜRLER, 2019) e subvertendo as tecnologias da heteronormatividade, que

funciona como “poder regulador” que participa dos processos de subjetivação dos próprios sujeitos e se constitui, de outra parte, em relações de poder que materializam corpos como “sexuados” e “generificados”. É no campo concreto das práticas de poder que a divisão binária – masculino e feminino – se naturaliza e isso acontece devido à atualização dos dispositivos de saber-poder, tanto nas práticas sociais, quanto na materialização dos corpos e das subjetividades. (CAMARGO, 2012, p. 184)

“Corpo, masculinidade, moda e biopolítica: apontamentos para uma genealogia da saia”, um estudo teórico-poético de Robson Guedes da Silva, faz-nos perceber como operadores biopolíticos produzem uma vontade de verdade que nos veste, “fazendo-nos estranhar com tanta animosidade a nossa nudez, nosso corpo”, e criam discursos sob a tentativa de moldá-lo/modificá-lo. Destarte, por meio de um caminho genealógico, esse estudo se volta à percepção da emergência, no Brasil, de homens usando saias, questionando e tensionando por meio dessa performance corporal os discursos sobre masculinidade e o dispositivo da moda, esse conjunto heterogêneo que envolve diversos elementos de práticas disciplinares e de controle sobre a população produzindo regras, padrões e regulações sobre o vestir e o se comportar conforme a norma.

“Margaridas e as masculinidades no futebol”, de Luciene Dias e Lázaro Tuim, é uma criativa contribuição aos estudos da masculinidade, especialmente quando mostram, de maneira tão interdisciplinar, a possibilidade de um fenômeno social ser investigado por áreas do conhecimento tão diversas, como o esporte e as performances culturais, partindo dos árbitros de futebol Jorge José Emiliano dos Santos e Clésio Moreira dos Santos, ambos apelidados de Margarida, como eixo orientador e ponto de atrito. De maneira acertada, as autoras, em um exercício comparativo entre as duas experiências margaridas, verificam que o primeiro, gay, contribui para o combate à homofobia no futebol brasileiro; já o segundo, heterossexual que performa o feminino a partir da criação de uma personagem para fazer rir, ao contrário, contribui para fortalecer não só a homofobia, como também a misoginia no futebol brasileiro. Por fim, as autoras pensam na possibilidade de um futebol-política que



possa acionar modelos de respeito às diferenças e reconhecimento da luta que marca os corpos que performam sexualidades que não são normativas.

Finalizamos o dossiê com o cuidadoso trabalho etnográfico de Vinícius Santos da Silva Zacarias, “Os viados de fanfarra e a fecheação regulada: o jogo de gênero e raça no campeonato baiano”, no qual o autor apresenta leituras sobre desfiles e campeonatos estaduais de fanfarra e nas ruas das pequenas cidades do Recôncavo da Bahia, com especial atenção às performances dos “balizadores”, sujeitos geralmente conhecidos como “viados de fanfarra”. A partir de suas análises, o autor busca abordar processos de subjetivação na estrutura social brasileira, notadamente heteropatriarcalista e racista.

Em linhas gerais, o conjunto de textos que compõem esta coletânea dialogam, direta ou indiretamente, com a literatura dos estudos sobre homens e masculinidades e nos apresentam, de diferentes formas, leituras sobre experiências e produções culturais diversas que conformam masculinidades na contemporaneidade, passando por objetos distintos, perspectivas teóricas densas e abordagens metodológicas criativas.

Referências

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma única história*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CAMARGO, W. X. *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs*. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

GURRERO, Olivia Tena. Estudiar la masculinidad ¿para qué? *In: BLAZQUEZ, N.; RÍOS, M.; FLORES, F. (org.) La investigación Feminista: Epistemología, metodología y representaciones sociales*. CEIICH UNAM, p.01-21, 2010.

GROSSI, M HEILBORN, M. L. Entrevista com Joan Wallach Scott. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 114-124, 1998. Disponível em: <https://bit.ly/2YJ71tA>. Acesso em: 21 abr. 2020.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.

THÜRLER, D. “Sabedoria é desaprender”: notas para a construção de uma política cultural das margens. *In: SILVA, G.; PUGA, L.; RIOS, O. (org.) Alfabetização, política, relações de poder e cidadania: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018. p. 11-23.

THÜRLER, D. *Sexualidade e políticas de subjetivação no campo das artes*. Salvador: UFBA, 2019.

